



## TROCA DE EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO: uma alternativa diferenciada de ensino

João V. da SILVA<sup>1</sup>; Luís G. PEREIRA<sup>2</sup>; Welisson M. SILVA<sup>3</sup>

### RESUMO

Em uma sociedade repleta de diversidade, o ensino tradicional ficou antiquado, assim, deixando a desejar tanto no quesito eficiência, quanto na parte de inclusão de alunos com deficiência. Nota-se que muitos educadores vêm buscando algumas soluções para conseguir melhorar a qualidade e a amplitude de seu ensino, através de metodologias que divergem da comum. Nessa perspectiva, apresentaremos, através de uma revisão bibliográfica, uma possível utilização de metodologia diferenciada, que tem como objetivo potencializar o nível de aprendizado dos discentes que possuem deficiência.

**Palavras-chave:** Educação, Deficiência, Metodologia.

### 1. INTRODUÇÃO

A educação inclusiva nem sempre foi respeitada e utilizada corretamente. Nas últimas décadas, esse tema teve maior destaque, sendo mais discutido. Por meio disso, foi possível haver avanços nessa área, mas ainda é preciso mais evolução. Tendo em vista que a inclusão é algo urgente, carecendo de rápida ampliação, uma possibilidade mais simples é buscar caminhos em teorias que originalmente não foram desenvolvidas para a inclusão, mas que visam a melhoria da educação.

Nesse sentido, considerando que a inclusão deve respeitar as individualidades de cada sujeito (Freire, 2008), a teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Lev Vygotsky (1989) pode ser uma possibilidade, já que ela se baseia na relação entre alunos para realizar o aprendizado. Dessa forma, as trocas de experiências entre um aluno deficiente e outro discente podem trazer bons resultados. Para que essa experiência seja mais proveitosa, é preciso que os alunos sejam vistos como indivíduos pertencentes à sociedade e que possuem as suas próprias vivências e conhecimentos.

Nesse sentido, Nilda Alves (2010) escreve sobre a “escola sem muros”, na qual esses conhecimentos são parte do processo de ensino e aprendizagem. E, como a realidade do aluno deficiente é bem diferente da dos outros alunos, é possível que a troca de vivências permita que os alunos passem a compreender mais a fundo as diferenças e, assim, pratiquem a inclusão. À vista

<sup>1</sup>Discente, IFSULDEMINAS – *Campus* Passos. E-mail: jv.silvacastro@hotmail.com

<sup>2</sup>Discente, IFSULDEMINAS – *Campus* Passos. E-mail: luis.gustavo@alunos.ifsuldeminas.edu.br

<sup>3</sup>Docente, IFSULDEMINAS – *Campus* Passos. E-mail: welisson.silva@ifsuldeminas.edu.br

disso, analisaremos como as trocas de experiências entre os alunos podem contribuir para a inclusão e o aprendizado.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

Iremos apresentar uma pesquisa bibliográfica, que segundo GIL (2008, p. 50) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A partir da leitura sobre zona de desenvolvimento proximal (ZDP), escrita por Vygotsky (1989), vamos buscar entender como a ZDP pode auxiliar os alunos com deficiência, através do convívio com outros discentes que possuem experiências e pensamentos distintos do dele, agregando no desenvolvimento de sua aprendizagem .

Nesse sentido, abordaremos o preconceito enraizado na sociedade brasileira que existe contra as pessoas com deficiência e como isso pode chegar dentro da sala de aula, afetando o ensino. Para isso, vamos usar Nilda Alves (2010) e seu conceito de escolas sem muros que descreve a importância da comunicação entre os conceitos aprendidos na vida escolar e na vida pessoal. Nessa perspectiva, o professor assume um papel importante, devendo saber lidar com os conhecimentos que são trazidos pelos alunos de suas casas. Sendo assim, por meio de Saviani (1997), abordaremos a importância das ações do professor.

## **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Antes de analisar os conceitos educacionais para alunos com deficiência física, deve-se ter em vista o que é inclusão. Muitos autores, como Vygotsky (1989) e Nilda Alves (2010), já trabalharam esse termo e possuem diferentes visões. Muitas pessoas já ouviram falar sobre inclusão e até consideram que é algo que deve ser feito, mas acabam ficando na superficialidade, sem entender o que realmente é. Nesse texto, vamos utilizar o conceito de Sofia Freire (2008), mas atentando apenas no âmbito educacional, que é o foco deste texto. Cabe salientar, entretanto, que a inclusão deve ser discutida e praticada em todos os âmbitos da sociedade. Para a autora, inclusão:

No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características. (Freire, 2008)

Nesse sentido, a inclusão está em garantir uma educação de qualidade, que atenda as necessidades do aluno e possibilite que ele e suas qualidades sejam potencializadas. Devendo-se assim, ser um dos fatores norteadores do ensino. Uma forma de fazer o uso das individualidades no ensino pode ser encontrado nas pesquisas de Vygotsky (1989), especificamente na ZDP, que segundo o autor é:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, constituído por funções já consolidadas pelo sujeito, que lhe permitem realizar tarefas com autonomia, e o nível de desenvolvimento potencial, caracterizado pelas funções que, segundo Vygotsky, estariam em estágio embrionário e não amadurecidas (Vygotsky, 1989, p.97)

Isto é, alunos em nível diferente de conhecimento, em que um possui dificuldades e o outro possui maior desenvoltura em determinado conteúdo, se ajudam. O primeiro passa a se desenvolver e consegue compreender os conceitos, já o segundo amadurece ainda mais as ideias, dominando mais o assunto. Tal prática permite que os alunos tenham acesso a uma visão diferente sobre o assunto, pois o aluno não tem o mesmo conhecimento técnico que o professor, logo ele busca suas próprias formas de compreender, as quais podem estar mais próximas da realidade do outro aluno.

Com base nisso, realizar essa interação fazendo uso dos alunos com deficiência pode trazer ainda mais resultados. Como há diferença entre suas vivências, suas ações também são diferentes em situações comuns no dia. Para ficar mais evidente, tomemos um exemplo. Na matemática, o uso dos dedos é muito comum na resolução de operações matemáticas, todavia, um aluno que não possua a mão ou não a movimente bem, carece dessa estratégia. Para superar isso, o aluno com deficiência possui seus métodos, os quais um aluno que tenha suas mãos saudáveis provavelmente não use. Desse modo, a troca de experiências permite que se adquira novas perspectivas e conhecimentos para ambos.

Nesse ponto, é importante fazer uso de Nilda Alves (2010). Ela defende a ideia de que as escolas devem estar abertas, sem muros, aos conhecimentos que não são oriundos das pesquisas, aqueles que são obtidos no cotidiano. Para ela deve haver “inexistência de muros entre o dentro e fora das escolas, já que conhecimentos e significações são encarnados em nós nas ações que desenvolvemos nos contextos cotidianos” (ALVES, 2010, p. 1197). Dessa forma, a cultura que os alunos possuem fora da escola, interfere muito no ambiente escolar em que eles estão presentes, logo a escola deve ter capacidade e disponibilidade para orientá-los da melhor maneira possível.

Nesse sentido, o papel do professor deve ser de orientador, para que os conhecimentos dos alunos possam ser potencializados. Além disso, é preciso haver um filtro, já que nem todas as vivências dos alunos foram boas, logo reproduzi-las pode não trazer bons resultados. A partir desse direcionamento, o professor também pode trabalhar questões sociais, em que os alunos com deficiência transmitam as suas experiências, evidenciando como o preconceito pode acontecer e seus impactos na vida dos sujeitos, além do papel de orientador, o professor também precisa entender que os alunos estão sempre visando ele, assim suas ações são muito importantes.

Desse modo, o professor deve realizar a construção do “saber atitudinal” (Saviani, 1997), em que as atitudes do professor devem também ser um elemento de aprendizado, pois, como o professor é sempre visto pelos alunos, inconscientemente os alunos acabam observando e

reproduzindo algumas atitudes.

Outro benefício do uso da ZDP é o fator motivacional, já que como os alunos estão mais presentes no seu processo de aprendizagem, isso pode fazer com que eles se empenhem mais. Outro ponto positivo é que a escola passa a estar mais integrada à realidade do aluno, tendo seus conhecimentos refletidos também em suas casas. E para os alunos com deficiência a escola pode ser mais inclusiva, onde a sua participação é ativa e respeitada.

#### **4. CONCLUSÕES**

O intuito desse texto não é mostrar um caminho plenamente eficaz, mas refletir como a relação entre os alunos, incorporando aspectos da sociedade, pode ser uma rota a ser seguida. Para isso, é necessário que os professores sejam o ponto de partida, devendo fomentar o raciocínio crítico, os ideais de equidade e respeito. E isso só será possível caso os professores estejam preparados para tal ação. A formação de professores, tanto inicial, quanto continuada, precisa ter qualidade. Muitos cursos de licenciatura no Brasil ainda cultivam a educação tradicional e, pior antes, colaboram, mesmo que indiretamente, na continuação de preconceitos. Logo, é preciso haver uma reformulação nos currículos, visando modernizar o ensino e ampliar as discussões sociais.

Ademais, a pesquisa também precisa ser incentivada. Sejam por meio de projetos ou pelas pós-graduações, os investimentos precisam ser maiores. Em suma, o texto mostra como os fatores extra sala de aula influenciam no ambiente escolar, e como as divergências entre os discentes deverão ser respeitadas durante a elaboração do plano de ensino. E para que isso ocorra o professor responsável precisa estar sempre preparado profissionalmente e humanamente para todo tipo de situação.

#### **REFERÊNCIAS**

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Educação & Sociedade*, v. 31, n. 113, p. 1195- 1212, out./dez. 2010

GIL, A. Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

FREIRE, S. (2008). Um olhar sobre a Inclusão. *Revista da Educação*, XVI (1), 5-20.

SAVIANI, D. A função do docente e a produção de conhecimento *Revista Educação e Filosofia*, v. 11 n. 21 e 22. Pag. 127-140 jan ./jun e jul ./dez 1997.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente* São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.